

HOSPITALIDADE E EDUCAÇÃO: A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO CURSO DE HOTELARIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Jonilson Costa Correia¹
Ana Isabel da Silva Bilio²

RESUMO

Este trabalho se propôs analisar a relação entre professor e aluno na sala de aula no Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão, e sua influência no processo ensino-aprendizagem, bem como compreender a prática da hospitalidade no ambiente educacional como fator relevante para a convivência humana. A partir do aporte teórico sobre as concepções acerca do tema, analisam-se as falas dos sujeitos investigados nesta pesquisa. Dentre os referenciais teóricos que fundamentaram esta reflexão sobre hospitalidade e educação, temos as contribuições de Freire (1985), Derrida (2003) e Libâneo (1994), entre outros. Como técnica para coleta de dados optamos pela entrevista aberta, caracterizando-se ainda como uma pesquisa com abordagem qualitativa. Os sujeitos envolvidos foram alunos e professores do curso de Hotelaria da UFMA. Os resultados revelaram que os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem compreendem a relevância da hospitalidade no espaço de aprendizagem como um elemento que pode contribuir para o aprendizado e interação de alunos e professores, de forma a favorecer a formação integral do indivíduo, sendo necessária uma prática incondicional e absoluta.

PALAVRAS-CHAVE: HOSPITALIDADE. EDUCAÇÃO. PROFESSOR-ALUNO.

¹ Mestre em Educação (UFMA) - Professor do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFMA. E-mail: angrajonilson@yahoo.com.br

² Graduada em Hotelaria pela UFMA e Pós-graduanda em MBA de Gestão da Saúde e Administração Hospitalar na Faculdade Laboro. E-mail: anaisabelbilio@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propôs analisar a relação entre professor e aluno na sala de aula no Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão, e sua influência no processo ensino-aprendizagem, bem como ainda compreender a prática da hospitalidade no ambiente educacional como fator relevante para a convivência humana.

Tratar sobre o relacionamento entre professor e aluno na sala de aula é um dos temas mais debatidos atualmente na escola, haja vista a importância da convivência saudável e motivadora que deve existir entre professores e alunos, por isso se faz necessário descrever e analisar esta questão à luz dos conceitos de hospitalidade.

Considerando que a proposta da educação é de que esta se dê de uma maneira mais participativa, onde aluno e professor ensinam e aprendem simultaneamente, vê-se a importância dessa interação entre eles.

Nessa perspectiva, abordar a hospitalidade na educação consiste, de certo modo, destituir a centralidade do sujeito soberano com vistas a descrever a subjetividade a partir da estrutura “um-para-o-outro” como acolhimento à palavra do estrangeiro.

Outro que reclama uma relação de *hospitalidade* com ele, uma relação *desinteressada* e gratuita. Outro que me pede uma relação de doação e acolhida. O outro não pede o reconhecimento de seus direitos, senão que apela à minha capacidade de acolhida (BARCENA & MÈLICH, 2000, p. 146).

A relação educativa pensada a partir da estrutura “um-para-o-outro” define-se como acolhimento e hospitalidade, relação entendida para além da representação da diferença e da simples assimilação do outro pelo mesmo. A educação pensada como acolhimento está para além de toda relação de dominação que representa e tematiza o outro a partir de categorias totalizadoras. É hospitalidade não hostil, que está na

anterioridade de toda relação de objetivação do outro. A relação de acolhimento não se confunde com assimilação, pois, é gesto de hospitalidade que não converge com a perspectiva de integração ou inclusão do outro ao mundo do mesmo. A partir desse entendimento pode-se dizer que a educação como hospitalidade é um acontecimento descrito na forma de desejo pelo absolutamente outro e acolhimento irrestrito à “visitação do Outro”.

Com base nesta situação levantamos a seguinte questão: como se constitui a relação entre professores e alunos do Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão?

A compreensão sobre a relação entre professor e aluno no contexto da sala de aula também vem contribuir como subsídio para a definição de referenciais teórico-metodológicos justificando a inovação, seja no âmbito da pesquisa educacional, seja no âmbito da escola.

Dessa forma, estudos sobre esta temática no espaço de um curso de hotelaria (hospitalidade) são muito importantes por ser um fenômeno carente de investigações científicas, bem como pela necessidade de se caracterizar historicamente o ensino nesse campo.

HOSPITALIDADE E EDUCAÇÃO

Discutir hospitalidade na educação implica em compreender a experiência educativa como uma atitude de abertura e exposição ao outro no acolhimento à sua palavra, mas, também, como uma experiência que define as regras e as leis sob as quais a hospitalidade concretamente se realiza no contexto educacional (MIRANDA, 2013).

Todo gesto de hospitalidade simultaneamente exige uma atitude de receptividade e acolhimento à visitação do “estrangeiro”, como também demarca uma posição, um lugar através do qual a experiência da hospitalidade se torna possível como abertura (in)condicional da escola ao outro que irrompe com sua presença. Portanto, na hospitalidade, há uma *permanente tensão* entre a Lei que abrange o acolhimento

incondicional ao estrangeiro e as leis que condicionam o acolhimento ao outro, e que tornam possível a hospitalidade.

Segundo Miranda (2013), a educação como hospitalidade pode ser descrita em termos de acolhimento, mas também, hostilidade ao outro, ou seja, no contexto educacional, ao mesmo tempo em que a escola abre as suas portas para a inclusão do outro, também determina sob que condições essa inclusão deve acontecer.

Os conteúdos dados em sala de aula, segundo Peixoto (2011), reproduzem a posição dos alunos na estrutura social e já carregam em si as possibilidades de um dado grupo de alunos e alunas estarem sendo assimilados e ou selecionados ou, ao contrário, eliminados da escola.

Assim, a presença do outro como diferença transforma os espaços educativos em lugar de acolhimento e de convivência plural, como desperta também um sentimento de ameaça, inquietação, conflito e hostilidade. Dessa forma, a escola reúne, ao mesmo tempo, a hospitalidade e a hostilidade para com o outro, isto é, anuncia sua generosidade e esconde sua violência de ordem (SKLIAR, 2008, p. 203).

Como diz Peixoto (2011), tudo isto é percebido como legítimo, pois a violência simbólica da ação pedagógica acaba negando as especificidades dos grupos, suas idéias, valores, gostos estéticos, crenças e outros elementos que sejam negados pela força dominante. No âmbito da escola, isto é facilmente percebido pela estrutura escolar que, ao contrário do que enuncia (repassa de saberes comuns a todas as classes e grupos) impõe sua verdade férrea a todos os grupos e classes desprivilegiadas negando as especificidades.

É nesse sentido que percebemos a relação entre a hospitalidade e hostilidade na escola, onde a presença do outro transforma simultaneamente a morada em lugar de acolhimento, mas também de ameaça, inquietação, conflito e hostilidade ao outro. A esse respeito, Nietzsche nos fala que “o sentido dos costumes da hospitalidade é paralisar o que há de hostil no estrangeiro. Quando ele não é mais visto primeiramente como inimigo, a hospitalidade cresce” (NIETZSCHE, 2004, p. 192).

Também na educação, pode-se falar de uma “pedagogia do outro como hóspede a ser permanentemente reformado” (SKLIAR, 2008, p. 202). A experiência da

hospitalidade nesse contexto acontece em meio a uma permanente tensão caracterizada pela abertura da escola e acolhimento incondicional do outro e pela determinação das leis, direitos e deveres que condicionam e tornam possível a própria hospitalidade.

Neste sentido, Perrenoud (2001) aponta que esse aspecto da relação professor-aluno e, portanto, da hospitalidade na educação deve ser avaliada, considerando a dificuldade do professor em aceitar determinadas posturas, bem como, até que ponto os alunos estão dispostos a confiar em alguém que faz julgamentos a seu respeito, através de avaliações nem sempre justas, gerando assim uma relação de poder que fica bem expressa na convivência entre professor e aluno. Sobre isto Bourdieu apresenta o seguinte:

Não procuramos somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados [...] os que falam consideram os que escutam dignos de escutar e os que escutam consideram os que falam dignos de falar (BOURDIEU, 1994, p. 160-161).

Segundo Bourdieu (1994), aqueles que estão submetidos a ação pedagógica desconhecem o poder de imposição dela, e que a possibilidade de uma mudança estaria no conhecimento do significado deste poder assumido pela ação pedagógica, o que permitiria uma mudança da prática docente e daqueles que estão submetidos a esta ação pedagógica, que segundo ele pode ser aqueles que executam ou são vítimas desta ação.

O PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo que faz parte do trabalho de conclusão de curso se propôs analisar a relação entre professor e aluno na sala de aula no Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão, e como esta pode influenciar no processo ensino-aprendizagem.

A pesquisa desenvolvida neste estudo foi de natureza qualitativa, cuja abordagem “verifica uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo

indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (MINAYO, 2009).

A preocupação nesta pesquisa foi com o processo, com o significado e não somente com os resultados e o produto. Tal preocupação encontrou respaldo nas características básicas propostas por Bogdam e Biklen (2002): onde numa pesquisa com abordagem qualitativa os dados são coletados em seu ambiente natural, sem nenhum tipo de manipulação intencional; todos os dados são considerados importantes e apresentados de forma descritiva; o pesquisador tem sua atenção voltada mais ao processo do que ao resultado; o pesquisador preocupa-se com o significado que o participante dá às coisas e à sua própria vida e, a análise dos dados coletados parte de uma visão mais ampla para uma mais focada.

Esta pesquisa se constituiu em três etapas, conforme relação com os objetivos propostos.

A primeira etapa constituiu-se em pesquisa bibliográfica, visando aprofundar conhecimentos e esclarecer conceitos, e várias fontes foram utilizadas nesta etapa: periódicos, documentos e livros.

A pesquisa bibliográfica, segundo Cervo e Bervian (1983, p. 55), “explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos” a fim de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema através da leitura de livros e artigos relacionados ao tema. Além de pesquisas em *sites*, *blogs*, e análise documental. Nesse sentido, o referencial teórico compõe-se das contribuições de autores pertinentes à temática hospitalidade e educação.

Na segunda etapa, após o direcionamento do foco da pesquisa, foi elaborado um instrumento de pesquisa – entrevista semiestruturada, pois permitiu a interação entre pesquisador e o participante do processo (sujeito pesquisado). Para Minayo (2009) a entrevista é, acima de tudo, uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. A entrevista segundo a autora tem o objetivo de construir informações pertinentes para objeto de pesquisa.

Durante as entrevistas tentamos apreender as narrativas dos sujeitos investigados sobre as aulas no Curso de Hotelaria. Estes dados se caracterizaram como

dados “subjetivos”, pois só podem ser conseguidos com a contribuição da pessoa, pois constituem, segundo Minayo (2009), uma representação da realidade: ideias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; condutas; projeções; projeções para o futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos.

A coleta de dados foi realizada no Curso de Hotelaria da UFMA que possui 324 (trezentos e vinte e quatro) alunos regularmente matriculados e distribuídos em nove semestres no turno vespertino. Participaram dessa investigação 26 (vinte e seis) alunos do 1º ao 9º período do curso de Hotelaria da UFMA, e 04 (quatro) professores vinculados aos departamentos que dão suporte ao curso, dentre eles: Departamento de Turismo e Hotelaria (DETUH); Departamento de Ciências Contábeis e Administração (DECCA); Departamento de Ciências Fisiológicas (DCF); Departamento de Letras (DELER).

Buscando explicar como no dia a dia da sala de aula o professor vai construindo um conhecimento sobre o ensino, e como partilha este com os alunos, na análise e apresentação dos dados nos fundamentamos nos estudos de Paulo Freire (1987; 1996; 2003), Derrida (2004) e Libâneo (1994).

Para identificação dos professores e alunos optou-se por utilizar letras do alfabeto da língua portuguesa para fazer uma alusão à educação. Preferimos não revelar o sexo dos entrevistados, portanto, todos os entrevistados foram representados pelo sexo masculino. Tanto os alunos como os professores receberam estes pseudônimos por se tratar de um número reduzido de entrevistados e ao usar ambos os sexos poderia revelar, talvez, a quem pertence as falas.

Segundo Bogdam e Biklen (2002), as identidades dos sujeitos devem ser protegidas, para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhe qualquer tipo de transtorno e prejuízo.

AS REVELAÇÕES DA PESQUISA

Com base nos objetivos deste trabalho, buscamos compreender a prática da hospitalidade no ambiente educacional como fator relevante para a convivência humana na escola e no processo ensino-aprendizagem. Apresentamos a seguir os depoimentos dos sujeitos investigados.

Ao questioná-lo sobre de que maneira a hospitalidade na sala de aula pode favorecer o processo ensino-aprendizagem, o aluno R relatou:

[...] quando se é bem recebido, se sente motivado a estudar e a aprender mais, até mesmo se relacionar melhor com os professores e com os colegas, e isso é muito relevante. Às vezes a gente cria uma antipatia pelo professor pela falta da hospitalidade, pela falta de gentileza, de cordialidade, e isso vai desmotivando, então o aluno cria um bloqueio para assistir a aula, para aprender, para se relacionar [...] (ALUNO R).

Observa-se que os alunos acreditam que a hospitalidade na sala de aula é relevante para que o processo ensino-aprendizagem se estabeleça e favoreça a produção do conhecimento. Quando os alunos sentem-se acolhidos pelo professor, eles ficam mais a vontade para participar das aulas, e mais motivados a aprender. Caso contrário, se o professor não se mostra receptivo a esses alunos, acarreta numa inibição e desmotivação dos alunos em relação às aulas, à disciplina.

Uma abertura ao estrangeiro como acolhida na forma “da aceitação da pessoa do outro na sua realidade concreta, em sua tradição e cultura, não do indivíduo em abstrato; é o reconhecimento do outro como alguém, valorizado em sua dignidade irreduzível de pessoa, e não somente o aprendiz de conhecimentos e competências” (ORTEGA, 2004, p. 06).

O professor A vai de acordo à opinião do aluno R e acrescenta que:

[...] a forma como o professor recebe, acolhe a turma é importantíssima para que esta se sinta segura e tranquila para receber esse conteúdo que o professor está repassando. E a recíproca é verdadeira, a forma como a turma acolhe o professor também o deixa mais a vontade, com mais vontade de ensinar, com mais vontade de trazer informações novas, de socializar as informações que ele tem [...] (PROFESSOR A).

De acordo com Libâneo (1994, p. 251), o professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos.

Uma segunda questão procurou saber se a metodologia utilizada em sala de aula fortalece a interação entre professor e aluno. Percebemos, então, que a aula ministrada de uma maneira mais dinâmica, em que o professor incita a participação do aluno, promovendo debates, discussões e diálogos, é a mais adequada para promover essa interação entre esses sujeitos.

Para Freire (1987), a interação entre as pessoas caracteriza-se a partir da humanização das mesmas, e nesse passo, o diálogo torna-se indispensável para essa relação essencialmente humana, realizado por meio das pessoas através de palavras.

Atualmente o perfil de um aluno passivo foi substituído por um educando mais ativo e participativo, que questiona, e expõe o seu ponto de vista. Como apontou o professor D:

[...] nenhuma disciplina é passiva, o professor poderia, primeiramente, aprender o nome dos alunos, já faz parte da receptividade, conversar com os alunos normalmente, e fazer com que esse aluno se sinta presente, que não é só um nome na caderneta, mas que ele é alguém presente, um ser humano como outro qualquer, é fazer o aluno se sentir ser humano (PROFESSOR D).

Logo, o educador deve assumir uma prática pedagógica que promova a interação entre os sujeitos bem como a produção de conhecimento. Onde se faz necessário que esta seja comprometida com a aprendizagem do aluno, fundamentada no bom relacionamento entre os sujeitos.

Indagando os entrevistados se um bom ou mau relacionamento entre professor e aluno pode refletir na sociedade, eles foram unânimes ao enfatizar a formação

profissional do aluno como o reflexo da relação entre docente e discente na sala de aula. A fala do aluno X representa essa unanimidade:

[...] pode comprometer o desempenho profissional do aluno. Ele pode interiorizar essa situação... então esse mau relacionamento pode acabar traumatizando. Assim como também um bom relacionamento vai refletir num profissional mais livre, mais espontâneo, mais comprometido [...] (ALUNO X).

Para melhor explicar este depoimento tomamos a ideia kantiana (1985) de esclarecimento (*aufklärung*), pela qual o homem deve aprender a pensar, o que significa a saída do homem de sua menoridade pela qual o homem se torna autônomo. Ao professor, cabe, então, propiciar ao aluno a possibilidade de utilizar seu pensamento para crescer, se libertar e sair da menoridade, da submissão do seu pensamento ao pensar de outra pessoa. Na relação professor-aluno, o professor, usando da afetividade, poderá entender melhor seus alunos e conseguir elementos para atingir seus objetivos.

Dessa forma, um bom relacionamento entre educador e educando é fundamental para que o aluno não se prejudique em relação ao conhecimento adquirido em sala de aula, e conseqüentemente não lhe cause uma deficiência no que diz respeito à sua formação profissional e a futura atuação no mundo prático.

Ao indagar os entrevistados se eles já haviam vivenciado ou presenciado alguma situação de hostilidade na sala de aula entre professor e aluno, cerca de 63% afirmou que sim, já haviam vivenciado ou presenciado situações de hostilidade na sala de aula do curso de Hotelaria, e 37% disse que não.

Em outro estudo Correia (2013) comenta sobre esta relação entre professores e alunos do Curso de Hotelaria através de entrevistas aplicadas à época, onde notou que alguns professores do curso ainda se apresentam resistentes ao diálogo sobre o planejamento com os alunos; e o mesmo pensam vários alunos, que quando indagados sobre sua contribuição no planejamento das aulas no Curso de Hotelaria da UFMA. Assim responderam:

A maioria dos professores não chega à sala de aula e faz alguma avaliação [...] não querem saber se os alunos realmente gostaram da disciplina deles ou não, e o que eles poderiam melhorar para fazer uma aula melhor no semestre seguinte (Aluno entrevistado por CORREIA, 2013, p. 435).

Não, infelizmente são poucos os professores que discutem isso ai, eles já trazem tudo, como se diz, “engessado”; mas alguns abrem e dizem: “se vocês tiverem algum assunto que vocês queiram tratar dentro dessa ementa, a gente pode discutir”; alguns abrem esse espaço, mas são poucos (Aluno entrevistado por CORREIA, 2013, p. 435).

Correia (2011) revela, ainda, que os alunos também têm a opinião algumas vezes, e dependendo da situação, participam do planejamento de aulas, da atividade que está sendo desenvolvida. Conforme depoimento de um deles:

No decorrer da aula, por exemplo, se nós fizermos uma prática, só assim é que os alunos contribuem. Talvez só quando estamos vendo a teoria em sala de aula e o aluno sugere uma prática, uma visita [...] Acho que só nesse momento pode haver uma participação (Aluno entrevistado por CORREIA, 2013, p. 435).

Entre professores e alunos vítimas de hostilidade na sala de aula, foram relatados vários casos. Vejamos a narrativa do aluno F: “[...] o aluno faz uma pergunta e o professor responde com desdém, com hostilidade, ele não dá muita importância” (ALUNO F).

Segundo Freire (1996), ensinar exige o respeito ao saber do educando. É a partir desse respeito que é possível trazer para próximo dos conteúdos aplicados em sala de aula, a própria experiência vivenciada pelos alunos, provocando assim debates e discussões, aguçando o senso crítico dos mesmos.

O respeito entre educador e educando dá-se de múltiplas formas. Todavia, o aluno X relata uma situação onde o professor não respeitou sua escolha:

[...] a hostilidade da professora aos alunos de Hotelaria, porque ela achava que os alunos de Hotelaria não tinham o mesmo interesse e empenho que tinham outros alunos... Ela chegou a me perguntar o que eu ainda estava fazendo ali, que eu tinha que estar fazendo era um mestrado, ou seja, ela não respeitou minha vontade, meu interesse de fazer o curso, eu disse a ela que eu gostava do curso e que queria ter uma nova graduação... porque quando eu viesse a me aposentar eu poderia ter uma nova oportunidade de trabalho, e empreender (ALUNO X).

Quando o professor não respeita uma escolha ou condição do aluno, talvez o interesse do aluno pela disciplina decresça. Nesse caso, o professor não é obrigado a concordar com a escolha do aluno, mas deve respeitá-lo acima de tudo.

Buscou-se ainda saber dos entrevistados a que eles atribuíam a falta da prática da hospitalidade no espaço de aprendizagem e estes demonstraram um pensamento linear. Como podemos observar nas falas dos alunos U e C: “Em grande maioria é a educação. A educação é o precursor de todo comportamento do indivíduo [...]” (ALUNO U). “Educação. É uma falha da educação em casa [...]” (ALUNO C).

A educação à qual os alunos se referem é a mais trivial e imprescindível a qualquer relacionamento humano. No entanto, o chavão “educação vem de berço”, é absolutamente verdadeiro, é algo que se aprende no seio da família, através da transmissão de valores, e se pratica em todo e qualquer meio social.

O pensamento dos alunos vai de encontro à concepção do professor A: “é de berço! Eu acredito que educação é de berço! O que a gente aprende até seis anos de idade é o que fica. A gente pode aprender mais coisas, agregar mais coisas, mas aquilo ali é a base [...]” (PROFESSOR A).

Logo, podemos associar essa educação à hospitalidade na sala de aula, que em seu domínio social, como discorre Camargo (2004), objetiva a interação dos sujeitos sociais.

Por conseguinte, investigou-se dos entrevistados como educador e educando poderiam contribuir para a melhoria da hospitalidade na sala de aula, com o intuito de saber o que esses dois sujeitos deveriam fazer a fim de terem uma convivência mais harmoniosa em sala de aula, e conseqüentemente mais produtiva. Vejamos que o aluno K e o professor B pensam de modo semelhante:

[...] buscando cada um cumprir com suas funções em sala de aula. O aluno estar ali, assistir aula todos os dias, faltar só em extrema necessidade. O professor também cumprir com seu programa de ensino, não faltando, procurando utilizar de uma didática, de uma dinâmica em sala de aula que atraiam os alunos [...]. (ALUNO K).

[...] cada um deveria fazer seu papel, se cada um efetuar seu papel da melhor forma possível, já é um bom começo. Se o aluno cumprir com sua frequência, se for assíduo... e o professor no seu papel de mediador, de facilitador, porque o professor hoje em dia não é mais o centro do universo, o centro do conhecimento, ele constrói dentro da sala de aula todo dia [...]. (PROFESSOR B).

A conformidade na fala desses entrevistados mostra a relevância em cada um dos sujeitos cumprirem o seu papel. Segundo Freire (1975), o educador e o educando são sujeitos do processo educativo, e ambos crescem juntos. Nessa perspectiva, devem exercer suas funções de modo a favorecerem o progresso cognitivo em sala de aula, bem como o bom relacionamento entre ambos.

O aluno D evidencia as duas questões principais para a melhoria da hospitalidade na sala de aula, que validam a real necessidade de que haja respeito entre os sujeitos, e comprometimento de ambos:

[...] a partir do momento que se tem o respeito e que se valoriza a hospitalidade, vamos ter pessoas melhores que vão saber entender o outro, se colocar no lugar. Pessoas que são comprometidas, o professor em ensinar e o aluno em aprender. (ALUNO D).

Alguns alunos acreditam como é simples melhorar a hospitalidade na sala de aula, a partir do momento que o professor tem verdadeira paixão pelo que faz, e o aluno grande contentamento em estar na sala de aula. Esses dois sujeitos devem exercer seus papéis com prazer e satisfação. Nesse passo, a hospitalidade e educação percorrida até aqui, vai de encontro ao pensamento de Freire (2003, p. 104) ao dizer que “educar é um ato de amor” e Derrida (2003, p. 7) ao estabelecer que “um ato de hospitalidade só pode ser poético”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs analisar a relação entre professor e aluno na sala de aula no Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão, e sua influência no processo ensino-aprendizagem. Por meio dos depoimentos dos sujeitos investigados, a fim de compreender a prática da hospitalidade no ambiente educacional como fator relevante para a convivência humana, identificar elementos que sinalizem a relevância da hospitalidade para o aprendizado; e identificar as causas da falta da prática da hospitalidade na sala de aula.

Nesse cenário, alunos e professores percebem o quanto é significativa a prática da hospitalidade no ambiente educacional, bem como o bom relacionamento entre professor e aluno de maneira a contribuir para o processo ensino-aprendizagem. Salienta-se ainda o compromisso daqueles que estudam e atuam na Hotelaria como protagonistas de uma prática hospitaleira, seja dentro ou fora da sala de aula. Haja vista que a hospitalidade é um estudo pertinente aos alunos e professores do curso de Hotelaria.

Contudo, apesar dos resultados desta pesquisa demonstrarem a consciência que os investigados têm da relevância da hospitalidade no espaço de aprendizagem, esta temática se recria à medida que as pessoas envolvidas nesse espaço se renovam e se transformam, tornando-se um campo aberto para investigações.

HOSPITALITY AND EDUCATION: TEACHER – STUDENT RELEATIONSHIP IN THE COURSE OF THE HOSPITALITY FROM FEDERAL UNIVERSITY OF MARANHÃO

ABSTRACT

This study aimed to analyze the relationship between professor and student in the classroom in the Course of Hospitality from Federal University of Maranhão, and their influence on the teaching-learning process. And also understand the practice of hospitality in the educational environment as a relevant factor for human coexistence. From the theoretical framework about conceptions of the subject it analyzes the statements of the subjects investigated in this research. Among the theoretical frameworks that underlie this reflection on hospitality and education, we have the contributions of Freire (1985), Derrida (2003) and Libâneo (1994), among others. As a technique for data collection we have chosen the open interview, even characterized as a qualitative research. The subjects involved were students and professors of the course. The results revealed that the subjects involved in the teaching-learning include the importance of hospitality in space learning as an essential for learning and interaction of students and teachers element, so as to promote the integral development of the individual, requiring an unconditional practical and absolute.

KEYWORDS: HOSPITALITY. EDUCATION. TEACHER. STUDENT.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. Coleção Grandes Cientistas Sociais. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BARCENA, Fernando; MÈLICH, Joan-Carles. **La educación como acontecimiento ético: natalidad, narración y hospitalidad**. Ediciones Paidós – Barcelona, 2000.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2002.

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CORREIA, J. C. **O saber-fazer na formação dos professores do curso de hotelaria da Universidade Federal do Maranhão**. Inter-Ação, Goiânia, v. 38, n. 2, p. 429-441, mai./ago. 2013.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã... diálogos**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- KANT, I. **O que é o Esclarecimento?** In: Textos Seletos. Trad. de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.
- MIRANDA, José Valdinei Albuquerque. **Alteridade e o Paradoxo da Hospitalidade na Educação**. 36ª Reunião da ANPED. Goiânia – GO: 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. Trad. Paulo Cesar de Souza. SP: Companhia das Letras, 2004.
- ORTEGA RUIZ, Pedro. **La Educación Moral como Pedagogia de la Alteridad**. Revista Española de Pedagogia, Año LXII, N. 227, enero-abril 2004.
- PERRENOUD, Phillipe. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PEIXOTO, Maria Angélica. **Educação e Reprodução na Abordagem Sociológica de Bourdieu e Passeron**. Revista Sociologia em Rede, vol. 1, num. 1, jan.-jul. 2011.
- SKLIAR, Carlos (org.) **Derrida e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Cronologia do Processo Editorial

Recebido em: 23. nov. 2014

Aprovação Final: 30. dez. 2014

Referência (NBR 6023/2002)

CORREIA, Jonilson Costa; BILIO, Ana Isabel da Silva. Hospitalidade e educação: a relação professor-aluno no Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 3, n. 2, p. 143-159, jul./dez. 2014.